Evento aconteceu nesta terça-feira (7) no Teatro B32, em São Paulo

Quais são os principais desafios e perspectivas para o mercado de capitais brasileiro dentro de um cenário global complexo? Para debater essa questão, a Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) e a B3, a bolsa do Brasil, reuniram nesta terça-feira (07), em São Paulo, **lideranças das principais instituições financeiras, acadêmicos e imprensa especializada para mais uma edição do MKBR**.

Ao longo do evento, os painéis debateram o papel das instituições no desenvolvimento do mercado, perspectivas para captação de recursos e possíveis caminhos para os fluxos de capital para mercados emergentes, como o Brasil, no atual cenário global. O MKBR 26 criou, mais uma vez, um espaço qualificado para a troca de perspectivas sobre os impactos da conjuntura na economia brasileira, refletidos na oferta e precificação de ativos e nas decisões de investidores institucionais e pessoas físicas.

Na abertura do evento, **Carlos André**, presidente da Anbima, e **Gilson Finkelsztain**, CEO da B3, no painel “O que pensam as lideranças”, reforçaram a importância de uma maior previsibilidade no ambiente de negócios e de uma infraestrutura capaz de apoiar o financiamento da economia e ampliar o acesso ao mercado de capitais.

Nesse contexto, o CEO da B3 destacou diferentes números que demonstram a sofisticação do nosso mercado, como o crescimento dos ETFs (fundos de índice) no Brasil, que já superam R$ 100 bilhões em estoque, com 187 produtos listados e mais de 770 mil investidores; dos fundos imobiliários, que já superam 3 milhões de investidores; e do Tesouro Direto, com 3,4 milhões.

Para Gilson Finkelsztain, a trajetória recente mostra que o setor ganhou profundidade, diversidade e demonstra cada vez mais sua capacidade de adaptação. “Nos últimos oito anos, o mercado de capitais brasileiro passou por uma evolução extraordinária, impulsionada pela digitalização, educação financeira e ampliação do acesso. Hoje, vemos uma indústria mais sofisticada, com mais de R$ 600 bilhões em emissões de renda fixa corporativa anuais, colocando em posição de protagonismo um mercado que, décadas atrás, praticamente não existia. O mercado de ações, embora o investidor local se mantenha cauteloso devido aos juros altos, é impulsionado por um notável fluxo estrangeiro. Essa realocação global vê o Brasil como atrativo, gerando otimismo para a reabertura da janela de IPOs”, afirmou o CEO da B3.

Durante a conversa, Carlos André, presidente da ANBIMA, ressaltou o amadurecimento do mercado local, especialmente no crédito privado, e a importância de manter um ambiente regulatório estável e funcional para que essa evolução continue. Ao longo do painel, destacou que o fortalecimento do mercado secundário, a formação mais eficiente de preços e a maior liquidez vêm contribuindo para ampliar o acesso de emissores e investidores, inclusive em novos segmentos e instrumentos.

“O mercado ganhou escala, liquidez e capacidade de atender diferentes perfis de emissores e investidores. Para que esse ciclo siga avançando, é importante preservar a estabilidade regulatória, ter previsibilidade e estímulos adequados para ampliar a participação dos investidores institucionais e fortalecer o financiamento de longo prazo”, destacou o presidente da Anbima.

No painel “Mercado de capitais brasileiro em um mundo em transição”, **Luiz Masagão**, vice-presidente de Produtos e Clientes da B3, **Bruno Funchal**, CEO da Bradesco Asset Management, e **Guilherme Maranhão**, diretor do Itaú BBA e presidente do Fórum de Estruturação de Mercado de Capitais da Anbima, discutiram como o cenário global se traduz em efeitos concretos sobre a economia brasileira. Também abordaram o papel crescente da renda fixa e do crédito privado no financiamento das empresas.

No bloco que debateu alternativas e oportunidades de acesso ao mercado por empresas de menor

porte, Masagão ressaltou a evolução de instrumentos como FIDCs (Fundos de Investimento em Direitos Creditórios), dívidas estruturadas e a chegada do Regime Fácil. “A simplificação regulatória para ampliação do acesso de pequenas e médias empresas, por meio do Regime Fácil e da iminente implementação das duplicatas escriturais, representa uma vanguarda mundial. Essa inovação, que transforma recebíveis comerciais de pequenas empresas em títulos negociáveis, é crucial para pulverizar as fontes de recursos, promovendo a transição de parte dessa captação do financiamento bilateral para o mercado de capitais”, destacou o vice-presidente de Produtos e Clientes da B3.

Na análise sobre um dos setores-chave para a economia brasileira, Maranhão ressaltou o papel do financiamento privado em conjunto com os bancos de fomento. “O mercado de capitais hoje é até maior do que o próprio BNDES como financiador de infraestrutura. Foi fundamental e, olhando o que vem pela frente, ainda vai ser muito importante para a infraestrutura no Brasil --e para a economia real como um todo.”

Geopolítica mundial e eleições brasileiras em debate

A agenda do MKBR 26 também incluiu o painel “Geopolítica no centro do tabuleiro”, com participação de **Oliver Stuenkel**, professor de Relações Internacionais da Fundação Getulio Vargas, que trouxe um panorama da transição em curso na ordem internacional, marcada por disputas entre grandes potências, conflitos regionais, reconfiguração de alianças e mudanças nas cadeias de suprimentos e no comércio. A proposta foi conectar esses movimentos às suas consequências sobre as conjunturas política e econômica mundiais.

Encerrando a programação, o painel “O fator eleições” reuniu **Carlos Kawall**, da Oriz Partners, **Lucas de Aragão**, da Arko Digital, e **Márcia Cavallari Nunes**, da Ipsos-Ipec, para uma análise de como as eleições presidenciais de 2026 entram no radar de investidores, empresas e tomadores de decisão.

Fonte: Anbima, em 07.04.2026